
Uma Análise do Livro-Reportagem *Abusado – O Dono do Morro Dona Marta*¹

Suellen Evelyn Leite NUNES²
Andrea Teresa Martins LOBATO³
Universidade Ceuma, São Luís, MA

Resumo

O presente artigo tem como objetivo o estudo do jornalismo literário com base no livro-reportagem *Abusado: O Dono do Morro Dona Marta*, do jornalista Caco Barcellos. A obra de caráter investigativo busca suscitar questões de ordem social e política, destacando a grande violência da polícia nas favelas do Rio de Janeiro e retratando a vida do traficante Juliano VP na favela Santa Marta. Este trabalho foi realizado com o intuito de contribuir para profundas reflexões pelo que presenciamos na atual conjuntura social do país, bem como para esclarecer sobre a prática do *Novo Jornalismo* tão difundida nas obras literárias, e através da pesquisa bibliográfica compreender a respeito da estreita relação que há entre jornalismo e literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-reportagem; Caco Barcellos; Jornalismo Literário.

Abstract

This article aims at the study of literary journalism based on the book *Abusado: O Dono do Morro Dona Marta*, by the journalist Caco Barcellos. The work of an investigative nature seeks to raise social and political issues, highlighting the great violence of the police in the favelas of Rio de Janeiro and portraying the life of the trafficker Juliano VP in the favela Santa Marta. This work was carried out with the intention of contributing to deep reflections for what we witness in the current social situation of the country, as well as to clarify about the practice of New Journalism so widespread in literary works, and through bibliographical research understand about the close relationship that there is between journalism and literature.

KEY WORD: Non-fiction Book; Caco Barcellos; Literary Journalism.

Introdução

Sabe-se que o jornalista, é conhecido, sobretudo, como um profissional que escreve. Entretanto, muitos insatisfeitos e descontentes com os rumos da redação, no que diz respeito a notícias falsas, com pouca credibilidade e ausência da informação por excelência, optam por trilhar o caminho de produção de grandes obras. Além disso, ainda há a dificuldade em manter um texto contextualizado e atrativo aos leitores, o que

¹ Artigo resultado do Trabalho de Conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Ceuma orientado por Andrea Teresa Martins Lobato.

² Graduada do curso de Jornalismo da Universidade CEUMA, e-mail: suellenleto@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Ceuma, e-mail: andreatmlobato@gmail.com.

acaba resultando em abordagens superficiais, dificultando dessa forma, o aprofundamento necessário e sem falar diretamente ao interesse do leitor, ouvinte ou telespectador. Junto a isso, é válido ressaltar ainda as dificuldades da apuração, a pressão do chefe, a concorrência, o estresse do cotidiano e outras peculiaridades do trabalho jornalístico.

Desse modo, a preocupação do jornalismo literário é contextualizar a informação de forma mais abrangente possível, o que se torna mais difícil no pequeno espaço de um jornal. Para isso, é preciso analisar as informações e relacioná-las com outros fatos, com o objetivo de compará-las com diferentes abordagens e localizá-las em um espaço temporal de longa duração.

Nessa conjuntura, o livro-reportagem surge em um contexto social com o propósito de trazer um jornalismo calcado, essencialmente, na verdade; interpretação de situações normalmente corriqueiras, despertando o pensamento crítico de leitores e a indignação social. Nos últimos anos, mesmo com as grandes dificuldades de mercado editorial e uma economia restrita, diversos jornalistas dedicaram-se à produção de livros-reportagem com a finalidade de contar histórias divulgadas superficialmente pela grande mídia.

Por suas características, o livro-reportagem não substitui nenhum veículo, todavia pode servir como complemento aos demais pelo seu material mais aprofundado, crítico e analítico. Diferente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência e seu conteúdo se diferencia essencialmente por seu caráter imperecível, pelo emprego de técnicas de apuração e pela humanização do relato.

1. Livro-reportagem

Conhecido como um veículo não-periódico e uma prática que se diferencia por sua profundidade e precisão dos fatos narrados, o livro-reportagem tornou-se um meio de comunicação não-periódico viável para os jornalistas que buscam aperfeiçoar-se ao longo de sua caminhada profissional. Suas características se destacam em: atemporalidade, profundidade, detalhamento e contextualização e seu aparecimento deveu-se, sobretudo, pela necessidade em escapar da efemeridade e superficialidade da imprensa cotidiana, que em especial, deve ser sempre que possível combatida.

Produzindo uma narrativa em forma de reportagem utilizando de artifícios e elementos da literatura, sem perder sua característica de veracidade, a produção do livro-reportagem torna-se contextualizada e rica em detalhes. Para obter as informações necessárias, o autor utiliza recursos próprios do jornalismo, tais como: entrevistas, evidências, fotos, provas, documentos etc. Desse modo, torna-se evidente que neste tipo de produção é fundamental recheiar o material com dados, números, informações detalhadas, elencando causas e efeitos e mostrando seus resultados.

Segundo Belo (2017), o jornalismo brasileiro tomou gosto pela reportagem em livro já no final do século XX, e que os anos de 1980 são repletos de relatos sobre os bastidores da política e da economia nacional. Acredita-se que parte desses relatos esteve atrelada a publicações periódicas, mas pela necessidade em aprofundamento, as terríveis proporções de eventos como a ditadura militar e a abertura política conferiram espaço para a publicação de numerosas reportagens em livro.

Afora o ponto de vista político, nessa época dois importantes acontecimentos da vida econômica do país concorrem para empurrar o jornalismo para os livros: as constantes tentativas de estabilização monetária – só alcançada com êxito depois do Plano Real, em 1994 – e o encolhimento do espaço editorial de revistas e, principalmente, dos jornais brasileiros. (BELO, 2017, p.32)

Uma das primeiras e maiores contribuições da história do jornalismo literário encontra-se nas produções do escritor e jornalista americano John Reed. O seu legado foi de extrema importância para o cenário que se firmava com a safra de grandes escritores literários. John Reed viveu o ápice da carreira jornalística. No período de 1914 a 1917, entrou para história, ao cobrir, como correspondente internacional, três acontecimentos de magnitude: Revolução Mexicana, Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa. “Sem esconder a forte coloração ideológica (à esquerda) de sua obra, títulos como *México rebelde!* (1914) e *Dez dias que abalaram o mundo* (1919) rapidamente transformaram Reed em uma celebridade das letras” (BELO, 2017, p.22).

A partir de então, houve grandes produções com uma linguagem mais trabalhada em comparação aos manuais de redação, que de certo modo ficava a desejar. Entre os escritores que marcaram a época com suas grandes influências neste campo estão: Truman Capote, Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer, que levou a uma

ascensão cada vez maior do livro-reportagem no Brasil com o desenvolvimento do jornalismo literário.

Belo (2009) aponta importantes motivações para o crescimento do jornalismo em livros no país, e ressalta que no Brasil têm o sentido contrário do que ocorre na Europa e nos Estados Unidos. Lá a tradição da reportagem abre espaço para explorar nos livros temas que não interessam a jornais e revistas ou que já tenham sido muito abordados pelos periódicos.

Ao contrário disso, no Brasil uma grande parcela do livro-reportagem trata de temas contemporâneos, ocupando basicamente o espaço deixado pela cobertura superficial dos periódicos. Isso ocorre por diversos motivos, principalmente devido ao fato de que os jornais perderem em parte a imagem de informar mais e melhor. É notável perceber isso quando observamos a enorme quantidade de notícias que chegam todos os dias às redações, e se misturam, gerando um volume muito grande de informações, e desse modo, grande superficialidade ao relatar os fatos.

Entretanto, provavelmente receosos pela reação do público diante de uma possível mudança de tratamento da informação e pela pressão de custos, os jornais principalmente, ainda hesitam em reduzir o conteúdo factual em favor de uma produção mais densa e contextualizada. Se dessa forma, a própria mídia limita o campo de trabalho do jornalista, por outro lado, possibilita a chance de novas oportunidades no que concerne a produções em densidade.

1.1 O jornalismo de Caco Barcellos

Na contramão do jornalismo superficial, algumas vezes “preguiçoso” e movido pela pressa em obter a informação em primeiro lugar, encontra-se os benefícios e contribuição fundamental do jornalismo em livros. Devido à prática quase “robotizada” e apurações cada vez mais rápidas e incompletas, no atual contexto observa-se que muitos profissionais migram suas produções para livros-reportagem com o intuito de obterem maiores vantagens em termos de aprofundamento e reconhecimento profissional.

O jornalista e escritor Caco Barcellos é um bom exemplo disso. Considerado como um dos maiores jornalistas do Brasil, Barcellos tornou-se genuinamente conhecido por tratar em suas obras questões pertinentes à violência urbana, tráfico de drogas e desigualdade social. Por ser um jornalista profundamente envolvido em casos

que envolvam as minorias e injustiças sociais do país, seu trabalho se tornou altamente reconhecido.

Certa vez, em entrevista à jornalista Tatiana Engelbrecht, ele justifica a escolha de seus temas:

Uma bronca minha em relação ao jornalismo é que a gente vira as costas a um segmento que é a maioria da população, 70% de pobres. Você não pode se recusar a retratá-los só porque se arrisca a chamar esse povo de herói. Essa história tem que ser contada também. Em geral quem faz esse tipo de acusação é o pessoal que só quer retratar o universo dos Jardins ou da zona sul do Rio, são os jornalistas que não cruzam o túnel Rebouças, porque a pobreza é feia. Posso ser acusado de glamourizar esse mundo [do tráfico], assumo a crítica, mas vou tentar mostrar a realidade da maioria, com o cuidado que se deve ter.⁴

No tocante a esse tema, uma das maiores produções do escritor é *Abusado – o Dono do Morro Dona Marta* (2017) que narra a história do traficante dos anos 1990 – Márcio Amaro de Oliveira, mais conhecido como Marcinho VP e com o codinome Juliano VP – e sua trajetória no mundo do crime, contemplando suas qualidades enquanto ser humano que vive em condições de desigualdade e acerca de sua vida amorosa testemunhada por amigos. Junto a isso, a narrativa traz um retrato fiel da violência urbana e da brutalidade da polícia, assim como as péssimas condições de higiene, pobreza e desesperança que vive os moradores.

Além disso, em 1992 lançou seu livro-reportagem *Rota 66: A História da Polícia que Mata*, uma obra de grande caráter investigativo tornando-se bastante conhecida por trazer denúncias de assassinatos cometidos pela Polícia Militar de São Paulo. Ao produzir um livro com tal abordagem meramente factual e se valendo de inúmeros métodos de investigação, para escrever o livro, Caco Barcellos investigou durante cinco anos as ações da polícia paulistana, procurando todos os dados possíveis relacionando-os aos assassinatos. O jornalista ouviu testemunhas, foi diversas vezes ao Instituto Médico Legal de São Paulo para descobrir informações sobre as vítimas e as circunstâncias das mortes, analisando os laudos, cruzando dados e entrevistando parentes e amigos dos jovens assassinados.

⁴ Entrevista de Caco Barcellos para a jornalista Tatiana Engelbrecht da revista Isto é Gente. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/201/entrevista/index.htm>

Da mesma forma, em seu programa *Profissão Repórter*, o jornalista e sua equipe de repórteres têm por finalidade sair às ruas em busca de histórias e personagens, mostrando diferentes ângulos sobre determinada temática. Além de revelar os bastidores do fazer jornalismo com suas dificuldades do dia a dia e seu processo de produção, o programa traz uma nova perspectiva a respeito do assunto que é tratado, trazendo credibilidade e compromisso com a verdade, características que Barcellos busca priorizar sempre.

O jornalista pondera, em seu livro *Profissão Repórter: 10 anos (2016)*, que nas produções do programa procura cruzar olhares e revelar diferentes pontos de vista sobre o mesmo fato. “Um programa semanal, investigativo, de 22 minutos, com uma temática central: justiça” (BARCELLOS, 2016, p. 12). A proposta é resumir, de diferentes ângulos, os bastidores de julgamentos nas áreas cível e criminal.

Em *Abusado (2017)*, por exemplo, observa-se que a denúncia não tem como foco os crimes praticados por Juliano VP e seu grupo, mas sim os problemas sociais mais amplos e que assolam a população brasileira até os dias de hoje: a má distribuição de renda, a falta de assistência às comunidades faveladas e as condições de pobreza que os moradores vivem.

1.2 Abusado – O Dono do Morro Dona Marta

Por meio da presente obra e acompanhando a trajetória da vida de Juliano VP, compreende-se melhor sobre como funciona o modo de operação do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, assim como as relações dos traficantes de quadrilhas de outras comunidades, especialmente a do Comando Vermelho, organização a qual Juliano VP fez parte. Barcellos (2017) possuía um interesse genuíno em escrever sobre o tráfico e através de uma visão mais aprofundada e crítica acerca das condições desumanas e desiguais que os moradores viviam em uma das maiores favelas do país. O assunto despertou o interesse do jornalista que normalmente trabalha com temas relacionados a problemas sociais que o país vive, tais como: desigualdade social, violência, criminalidade e tráfico de drogas. Barcellos busca priorizar reportagens a respeito do assunto, pois acredita ser fundamental mostrar às pessoas os dois lados de uma situação e não levar em consideração apenas o que a mídia nos informa.

Em relação a isso, pode-se notar esse interesse em nota nas páginas iniciais da obra:

Optei por usar os codinomes ou apelidos conhecidos dos mais íntimos como forma de contar as histórias de crimes sem precisar mutilar a verdade. Durante os quatro anos de produção do livro, muitos deles foram presos, torturados, mortos sempre de forma brutal. A experiência reforçou meu repúdio à cultura da punição perversa, contra quem já nasceu condenado a todas as formas de injustiça. (BARCELLOS, 2017, p. 11)

O jornalista e escritor já conhecia o traficante de outras reportagens quando, em 1999, Juliano VP lhe deu a idéia de escrever um livro a respeito de sua vida, mas o jornalista recusou, explicando que pretendia produzir um livro sobre um outro viés. “Minha contraproposta é um livro sobre a tua quadrilha inteira, acho que a sociedade precisa conhecer melhor a vida de vocês” (BARCELLOS, 2017, p. 460).

Barcellos (2017) explica ao longo da obra que aconteciam mutirões na favela para construir o que deveria ser feito pela prefeitura. Segundo o autor, nos anos 1960, traficantes, assaltantes e demais moradores da comunidade construíram o sistema de distribuição de água pelos barracos que, até 2003, ainda era utilizado e mantido pelos moradores. De acordo com Barcellos (2017), na época, com o apoio da igreja e do governador Leonel Brizola juntamente com a Associação de Moradores, o risco de remoção da favela terminou e outras obras comunitárias aconteceram, substituindo as paredes de madeira dos barracos por alvenaria.

Em quatro anos, de 1982 a 1986, a maioria das paredes de madeira dos barracos foi substituída pelas de alvenaria. Todos os becos e vielas foram pavimentados para evitar desabamentos como os que tinham ocorrido em 1965, 1969 e que levaram à morte de cinco pessoas. Anos depois, em 1988, outro deslizamento de terra mataria mais sete pessoas. Construíram-se 12 pontes nas áreas onde as crianças e idosos tinham maior risco de cair nos penhascos. Cobriram-se de concreto o caminho das águas pluviais e as encostas dos valões do esgoto que levavam a sujeira até lá embaixo, no Rio Banana Podre. Graças aos mutirões, a Santa Marta tornou-se um retângulo impermeável, protegido contra as infiltrações das chuvas. (BARCELLOS, 2017, p. 72-73).

Dessa maneira, observa-se que mesmo com toda criminalidade que uma favela pode ter, sempre há a possibilidade de intervenção de moradores carentes como em qualquer lugar – sem apoio do Estado – que se unem com o propósito de melhorarem as

condições de vida e lutarem por seus direitos enquanto cidadãos. Logo, *Abusado* (2017) proporciona uma visão diferente das que se costuma vivenciar através da tela da televisão, que normalmente mostra simplesmente os constantes confrontos entre criminosos e policiais, raramente dando voz a moradores e demais envolvidos.

Para Paiva (2003), Barcellos consegue demonstrar em *Abusado* a realidade do morro com exatidão e clareza, conduzindo o leitor e relatando a história do traficante por meio de uma ética jornalística objetiva. Ou seja, o livro-reportagem se diferencia essencialmente por transmitir uma imagem diferente das que normalmente a mídia expõe. Desse modo, Barcellos sugere um exercício de entendimento das contradições da vida no morro.

Ademais, ao longo da narrativa, é possível perceber o esforço de Barcellos para mostrar as injustiças e revelar situações em que vive a sociedade brasileira desde a década de 1970. Junto a isso, constata-se o cenário das desigualdades existentes entre o morro e o asfalto, em que o tratamento da polícia à classe média não é o mesmo com os moradores da favela, independente de estarem, ou não, envolvidos com o crime. Em um dos trechos do livro-reportagem, observa-se tamanha brutalidade e violência:

O filho de Dona Mariquinha, Marquinho, de 17 anos, vapor novato da turma de Juliano, foi chutado e espancado na cabeça com cassetete de borracha. Abandonado no chão, desmaiado à porta da creche Coração de Maria, Marquinho sofreu traumatismo craniano e agonizou por mais de uma hora. A mãe correu para socorrê-lo e, desesperada, rezou ao lado dele até sua morte. Inconformada, dona Mariquinha velou o corpo ali mesmo, na frente da creche, até a chegada, no final da tarde, dos homens que levaram o corpo para o rabeção estacionado no pé do morro. (BARCELLOS, 2017, p. 261).

Abusado é dividido em três partes: *Tempo de morrer*, *Tempo de viver e Adeus as armas*. A narrativa inicia-se nos anos 1990, apresentando um relato de perseguição fracassado pelo grupo de Juliano VP, o que leva à morte de Careca, um dos amigos mais próximos do traficante e motorista da quadrilha. Em seguida, o livro-reportagem volta ao passado relatando sobre a infância e adolescência de Juliano VP e seus amigos, a Turma da Xuxa (forma como o traficante e seus amigos se identificavam), mostrando a organização da vida na favela, a primeira grande guerra pelo comando do tráfico no morro, da prisão e da saída temporária de Juliano e sua ascensão chegando ao posto de “dono do morro” com a retomada da favela pelo Comando Vermelho.

Na segunda parte, é narrada a gravação do clipe de Michael Jackson, *They Don't Care About Us*, que significa em sua tradução “Eles não se importam com a gente”. Juliano VP achou que o nome da música sintetizava a condição de quem mora nas favelas do Brasil e, dessa maneira, acreditou que poderia ser uma forma de mostrar a situação de extrema pobreza e descaso em que ele e os moradores viviam.

Empolgado, convenceu seus homens de que o clipe era importante porque mostraria para o mundo as condições miseráveis da vida de suas famílias. Mesmo antes de saber qual seria o morro escolhido pelos americanos, exigiu o empenho de todos para transformar as gravações de Jackson num grande evento comunitário, como a marca da chegada de sua geração ao poder da favela. (BARCELLOS, 2017, p. 327).

Além disso, o capítulo seguinte conta a respeito de uma entrevista que Juliano VP concedeu a repórteres dos três maiores jornais do Rio de Janeiro – *O Dia*, *O Globo* e *o Jornal do Brasil* –, que teriam modificado drasticamente suas versões e publicado nos jornais da cidade, gerando, dessa forma, sua procura e perseguição pela polícia. A partir disso, ocorrem diversas fugas do traficante, o que acaba na decadência do tráfico comandada por ele.

Por fim, a última parte, narrada em primeira pessoa por Barcellos, conta como foram os encontros do jornalista e suas entrevistas com Juliano VP durante o processo de apuração do livro. Ademais, podemos notar também a vontade de Juliano VP em abandonar o tráfico tentando se afastar da criminalidade e vivendo foragido por um período na Argentina. A história do livro-reportagem é finalizada com a prisão de Juliano VP e muitos de seus amigos da Turma da Xuxa mortos.

1.3 Depoimentos e humanização do personagem de Juliano VP

De modo a buscar veracidade de informações e caráter humanizado em narrativas literárias, é necessário que um livro-reportagem seja caracterizado por depoimentos de alto teor informativo, buscando sempre mergulhar profundamente nos fatos narrados. Logo, *a escrita da escória*, uma conhecida postura de adesão à concretude da realidade vivida que se nota na prosa literária dos últimos anos, permite segundo Bulhões (2007), que muitas obras provoquem com os dados a franca agressividade ao invés de poupá-lo. E muitas vezes, a violência está intimamente

presente não apenas no setor temático, mas também assumida no interior da própria linguagem.

Em uma escrita da escória a tematização da violência se faz nos termos de uma assimilação das marcas da própria violência no plano da realização formal. Em um romance como *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, a violência é uma marca expressiva. Ela habita a voz dos vários personagens, traficantes do morro, marginalizados e criminosos, com a sonoridade de gírias e palavrões, e também chega à boca do narrador na terceira pessoa, fazendo com que ambas as vozes muitas vezes se confundam no uso do discurso indireto livre. (BULHÕES, 2007, p. 179).

Assim, nota-se que em *Abusado* (2017) também há traços desse aspecto documental. Além disso, outras conhecidas obras literárias como *O matador* (1995) de Patrícia Melo, *Rota 66* (1992) também do jornalista Caco Barcellos, *Cidade Partida* (1994) de Zuenir Ventura e *Cidade de Deus* (1997) de Paulo Lins, lançadas na contemporaneidade revelam a vivência jornalística assumida nos termos de uma literatura que incorporará a realidade degradada de situações corriqueiras em sociedade, humanizando fatos e personagens que tiveram sua parcela de valor na produção em questão.

Sem precisar ir muito além, observa-se que em *Abusado* (2017), Barcellos descreve a vida do traficante Juliano VP sob outro olhar, diferente dos jornais que normalmente retratam e transmite o senso comum reforçando estereótipos de bandido e criminoso, o jornalista descreve toda a vida de Juliano VP, desde a criação dele na favela Santa Marta, os envolvimento amorosos até a ascensão dele como importante criminoso no local onde vivia. Lado a lado a isso, o autor descreve detalhes da cena, cheiros a respeito do que ocorria nos momentos de tensão da trama e utiliza de linguagem mais próxima ao informal, utilizando-se de técnicas de narrativas de romances, fugindo dessa forma dos padrões normalmente utilizados em periódicos factuais.

No fiesta é forte o cheiro de enxofre e sangue. Careca acelera fundo, mas solta as mãos do volante. Tenta proteger a cabeça com os dois braços erguidos, encostados ao rosto. O Fiesta sem controle aponta para a direita e mergulha na nuvem azulada. Sobe a calçada, atropela uma lixeira da Comlurb, bate no poste de concreto e pára. A colisão

quebra a base do poste, que não chega a cair, mas rompe um fio de alta-tensão e desarma a rede de energia. Dez ruas do bairro ficam às escuras. As rajadas do inimigo não param. Pardal, sentado junto à porta traseira direita, salta pela janela e fica caído na calçada. Paranóia tenta a fuga impossível. Baixa o máximo que pode a cabeça, segura firme a arma com as duas mãos e com o ombro direito força a abertura da porta de ferro retorcido. Sai do carro cambaleando quando alguém grita para acionar o gatilho do G-3. (BARCELLOS, 2017, p. 16).

Ainda ao que tange ao aspecto humanizado da narrativa, o jornalista aponta inúmeras vezes o interesse intelectual de Juliano. Certa vez, por exemplo, quando estava no meio da mata para realizar um ataque surpresa a inimigos, disse, em espanhol: “El fator sorpresa, entiendes?” (BARCELLOS, 2017, p.39). É que em alguns dias quando o criminoso precisou ficar na Toca, uma caverna de acesso secreto, aguardando o momento de ataque surpresa ao estilo de ações guerrilheiras, a inimigos do morro, chamados de “os alemão”, dedicara-se à leitura de um livro sobre a guerrilha foquista de Che Guevara. Logo, o traficante ficou tão entusiasmado que mencionou algumas frases de efeito em espanhol.

Ao mostrar também que Juliano VP ficou encantado e super envolvido ao descobrir livros de filosofia e que gostava de ouvir música clássica (BARCELLOS, 2017, p. 381), Barcellos traz uma nova visão e quebra mais uma vez o estereótipo do bandido iletrado da classe baixa.

Juliano ficou absolutamente encantado com a biblioteca, sobretudo com a variedade de livros sobre filosofia e literatura. Iniciou a leitura de vários e, diante de tanta novidade, não conseguia escolher um para ir até o fim. Durante a leitura ouvia música clássica. Às vezes adormecia na poltrona perto da estante de livros ou passava boa parte do tempo ali sem fazer nada, apenas pensando nas últimas grandes mudanças de sua vida. (BARCELLOS, 2017, p. 381).

Além disso, na obra do jornalista, sabe-se também que o traficante tinha envolvimento com importantes intelectuais cariocas, tais como Paulo Lins, autor do livro *Cidade de Deus*. Segundo Barcellos (2017), ele se encontrava com essa classe para debater ideias e se possível encontrar algum apoio para mudar de vida ou tentar escapar da morte e salvar os jovens do risco de morrer no narcotráfico.

O traficante também manteve contato com o ex-baterista do grupo *O Rappa*, Marcelo Yuca, na tentativa de que o músico criasse na favela Santa Marta, onde vivia o mesmo projeto do músico em que ensinava percussão para adolescentes, no morro do Vidigal. O músico se tornou amigo de Juliano VP, mas não criou o projeto para a Santa Marta, para não se vincular ao tráfico (BARCELLOS, 2017, p.408). Nesses encontros, Yuka aproveitava para debater o papel adverso dos traficantes entre os jovens.

É interessante frisar também os ideais e a “Revolução Social” que Juliano VP buscava através do lema “Paz, justiça e liberdade”. Ainda sobre os encontros de Juliano com o ex-baterista do grupo *O Rappa* para a criação de um projeto, no momento em que o músico o questionou sobre o problema do tráfico para os jovens, o criminoso manifestou o desejo de algum dia abandonar o crime, mas alegava que sua geração tinha um papel a cumprir no morro. Sabia do risco de morrer a qualquer hora, contudo, acreditava que os jovens precisavam de sua liderança e que a vida na comunidade seria pior, e, sobretudo mais violenta, se o “chefão” fosse outro.

“Meu sonho é fazê (sic) uma revolução dentro do Comando Vermelho, pôr em prática o lema da paz, justiça e liberdade dentro de meu morro” (BARCELLOS, 2017, p.408). Dessa forma, Juliano VP tinha esperança de vencer os momentos difíceis e virar uma espécie de herói dos favelados. Suas boas relações com a Casa da Cidadania – ONG que visava desenvolver projetos voltados à comunidade favelada – também o levaram a ampliar seus diálogos com os intelectuais do “asfalto”.

Nota-se, portanto, que todos os aspectos relacionados à “romantização” atribuída a Juliano VP ao longo da obra é proveniente da humanização do traficante, proporcionada graças ao jornalismo literário. Lima explica em seu livro *Jornalismo literário para iniciantes* (2014) que o romance não conta apenas uma história, mas faz também refletir sobre a condição humana.

Da mesma forma, a boa matéria de jornalismo literário traça um bom retrato de uma situação particular, mas remete também à reflexão maior do que significa para o leitor, onde quer que se encontre, perto ou longe do local onde os acontecimentos se deram. Porque estamos todos unidos, de uma maneira ou de outra, no grande palco de dramas, glórias e tristezas, vitórias e derrotas, maldades e nobreza, onde se desenrola a história da humanidade. (LIMA, 2014, p. 39).

Dessa forma, o autor ressalta que o jornalismo literário procura mostrar a realidade por dentro, incluindo dessa maneira os motivos internos e as razões que movem as pessoas. “Ao redigir uma matéria de jornalismo literário, o autor tem o compromisso de entregar ao leitor muito mais do que informação primária” (LIMA, 2014, p. 28). Sobre isso, o autor pontua ainda em seu outro livro, *Páginas Ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo* (2009) que a humanização é uma das marcas distintas do jornalismo literário.

Conforme o autor:

Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos e nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. (LIMA, 2009, p. 359).

Em *Abusado* (2017), Juliano VP, em alguns momentos, comenta sobre revolução ou assuntos pertinentes a isso. Algo referente à revolução tem nome no livro de Barcellos e se chama Ernesto “Che” Guevara de la Sierna. Os ideais de Guevara chegaram ao morro Santa Marta por meio de Juliano que demonstrava grande interesse em ser também um “revolucionário”, buscando mobilizar pessoas em busca de algo comum. Na visão dele, os meios usados pelo CV (sequestro, tráfico de drogas, roubos e outros) tornavam-se de certo modo importantes para alcançar uma nova ordem que seria atingida por meio da revolução social.

Em diversos momentos ao longo da narrativa observa-se que o criminoso possuía o interesse social em tentar mudar a situação de desigualdade e preocupava-se com as condições desumanas de grande pobreza que os moradores viviam. Em um trecho da narrativa, quando assumiu a “gerência de uma boca” na Santa Marta, Barcellos (2017) retrata que Juliano VP era uma espécie de diplomata.

Dialogava com as lideranças do morro, ouvia as queixas dos jovens do samba, contava longas histórias para os mais idosos, brincava de empinar pipa com as crianças, visitava as creches, rezava nas duas igrejas católicas, frequentava terreiros de umbanda, participava de algumas mesas de carteados e adorava estar disponível para atender aos diversos pedidos da comunidade, sobretudo quando eles vinham das

mulheres a quem confiava com mais frequência o relógio que ele dizia ser idêntico ao de Che Guevara. (BARCELLOS, 2017, p. 209).

Dessa forma, temos a construção da imagem de um homem com preocupação do bem-estar dos moradores do local onde vivia, observando que o criminoso tinha a consciência da função que possuía enquanto morador e traficante de uma das maiores favelas do Rio de Janeiro.

Considerações Finais

Ao longo desse trabalho foi abordada a convergência entre jornalismo e literatura, destacando sua importância para compreensão de obras nos moldes do romance-reportagem, tão difundidas na contemporaneidade. Caco Barcellos ao escrever *Abusado: O Dono do Morro Dona Marta* (2017), teve grande responsabilidade em lidar com inúmeras versões e entrevistas de moradores e demais testemunhas com a finalidade de desenvolver uma grande reportagem baseada na história de vida de Juliano VP e no que ocorria na favela Santa Marta no que diz respeito à organização do tráfico de drogas e a violência policial nas localidades de pobreza e desigualdade social do país.

Compreender o livro-reportagem *Abusado* foi possível graças ao esforço de Barcellos em checar informações, além de seu processo e método rigorosos de apuração que resultaram em um material instigante e interessante aos olhos do leitor. Da mesma forma, foi de suma importância observar as características do jornalismo literário e entender que independente de ser uma produção desenvolvida com base nas técnicas do romance, trazendo traços de literatura, o livro não é necessariamente considerado uma obra de ficção, pois mesmo que Barcellos tenha construído a história da personagem de forma humanizada, o jornalista não teve a intenção de romantizar Juliano VP, mas sim, retratá-lo de maneira diferente daquela transmitida pela mídia. Constata-se assim, que em relação à “romantização” da personagem, Barcellos não tem culpa, pois como Lima (2009) destaca essa é uma característica do jornalismo literário que o escritor utilizou para a produção de sua obra.

Por conseguinte, a partir da comparação do traficante em relação a uma pessoa comum, é válido acentuar que o jornalista produziu *Abusado* com o propósito final de conduzir os leitores a uma reflexão e compreensão acerca do que leva, de fato, os jovens

de comunidades faveladas a entrarem no mundo do crime organizado tão precocemente, uma vez que, a maioria dessa classe desfavorecida não possui acesso à saúde e educação e perspectivas de melhores condições de vida. Para isso, Barcellos precisou adentrar no mundo do crime como nenhum outro jornalista, a fim de conhecer e compreender de perto a realidade da violência e do tráfico de drogas nas favelas do Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Caco. **Abusado**: Dono do morro Dona Marta. São Paulo: Record, 2017.

_____. **Profissão Repórter 10 anos**: grandes aventuras e grandes coberturas. 10 anos. São Paulo: Planeta, 2016.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo, Ática, 2007.

ESCOBAR, Karine Mendonça dos Santos. **O jornalismo de Caco Barcellos no livro Abusado**: O Dono do Morro Dona Marta. 2014. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências humanas jornalismo; Rio de Janeiro. 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: livro-reportagem como extensão do jornalismo. São Paulo: editora Manole. 4ª edição, 2009.

_____. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

PAIVA, Claudio Cardoso de. Traficantes, malandros e celebridades: um estudo de mídia e violência urbana. In: CARVALHO, Nadja; MOURA, Sandra (Orgs.). **Leituras do Abusado**. João Pessoa: Editora UFPB, 2003. p. 69-83